

Organização e trabalho de base: alicerces do MMC

As mulheres do Movimento de Mulheres Camponesas acreditam na capacidade da própria organização, no estudo e nas lutas em defesa da vida, rompendo com tudo o que as impede de se libertar e de vivenciar novas relações na família, na produção, na comunidade, na sociedade.

Para o MMC o trabalho de base é o conjunto das ações organizadas pelas mulheres e pelo povo: reuniões, estudo, visitas, lutas, contatos pessoais, divulgação da luta pela vida, mutirões, atos de resistência e enfrentamento... Essas ações possibilitam conhecer e entender a realidade para, a partir dos problemas vividos localmente, buscar, na prática-teoria uma nova prática social. Isso quer dizer que as lideranças populares têm a tarefa de construir com o povo as alternativas para a solução de problemas, possibilitando, assim, uma consciência nova enquanto classe trabalhadora, mulher camponesa e feminista que descobriu o valor de sua própria libertação.

Fazer trabalho de base é seguramente encontrar o farol que conduzirá às grandes mudanças, tanto das relações de gênero, de raça, etnia..., bem como, a mudança da estrutura social capitalista e patriarcal.

À medida que se avança na capacidade de fazer trabalho de base, mais mulheres camponesas vão encontrando o rumo da libertação, deixando de ser objeto dos homens e do capitalismo, realizando-se como sujeitos sociais constituídos de dignidade.

Assim, o Movimento cresce e a luta da classe trabalhadora se fortalece! O trabalho de base é o alicerce do MMC.

O MMC existe para construir a libertação da mulher, produzir alimentos saudáveis e lutar pela transformação da sociedade para ter uma vida mais feliz para todas(os) com igualdade e dignidade.

Por isto, é tão importante construir este movimento realizando o trabalho de base, organizando os grupos de mulheres nas comunidades, fortalecendo e garantindo uma dinâmica de funcionamento das direções municipais, estaduais e nacional, bem como dos coletivos de trabalho do MMC. Também é determinante fortalecer a luta do MMC contra o capital e o patriarcado, garantir a qualificação das mulheres nos processos de formação e continuar avançando na implementação das experiências de resistência e de construção do projeto de agricultura camponesa na perspectiva feminista.

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos” (Fernando Pessoa).

É preciso estar sempre se desafiando a construir o novo!

Fortalecer o Movimento de Mulheres Camponesas

O Movimento de Mulheres Camponesas começa sempre com um grupo de mulheres camponesas que querem melhorar sua vida e da família. Por isso, as lideranças têm a tarefa de formar, acompanhar e garantir que os grupos de mulheres camponesas tenham vida ativa nas comunidades.

É neste espaço que as mulheres se reúnem para conversar sobre suas vidas, seus interesses, suas dificuldades e como organizar-se para resolver os problemas e conquistar aquilo que precisam. É importante também aglutinar mulheres camponesas, militantes lutadoras, que nem sempre participam de um grupo de base específico, mas assumem a causa do movimento em diferentes espaços, buscando responder aos desafios colocados para as camponesas e para o movimento. No entanto, não se pode esquecer que o grupo de base continua sendo o alicerce do MMC.

As lideranças e dirigentes do MMC têm a responsabilidade, não única, mas fundamental, de convidar, articular e preparar as reuniões, encontros, visitas, cursos, oficinas, mobilizações,... para que sejam momentos marcantes, bem preparados, participativos e que garantam conquistas para as mulheres e famílias camponesas.

As dirigentes não precisam fazer tudo, mas construir de forma coletiva, o planejamento do que é necessário viabilizar para garantir cada atividade programada, distribuindo as tarefas com as companheiras. Procurar sempre construir espaços acolhedores, participativos, solidários, criativos e que fortaleçam a mística libertadora do MMC. É fundamental que todo o espaço seja ele de luta, de formação, de organização ou das práticas das mulheres, se construa a problematização da realidade, a reflexão e o aprofundamento e que desafie as mulheres a assumirem compromissos concretos transformadores da realidade e das relações.

Contra o capital e o patriarcado, lutar em defesa da vida!

Movimento de Mulheres Camponesas - MMC Brasil

Secretaria Nacional

Fone/Fax: (54) 3312 9683

E-mail: secretaria@mmcbrasil.com.br

Passo Fundo - Rio Grande do Sul

Escritório Nacional


Fone/Fax: (61) 3322 6447

E-mail: escritorio@mmcbrasil.com.br

Brasília - Distrito Federal

 www.mmcbrasil.com.br

Apoio:

Ministério do Desenvolvimento Agrário 

Movimento de Mulheres Camponesas

Organizar a base, produzir alimentos saudáveis, construir caminhos de libertação



A crise que o capitalismo produziu ameaça a humanidade

Em pleno século XXI o sistema capitalista que se impôs mundialmente vem aprofundando a desigualdade social. Há uma extrema concentração de riquezas em poucos, deixando a grande maioria das pessoas na pobreza, fome e miséria. Para aumentar seus lucros, destroem a natureza, transformando tudo em mercadoria: a água, o ar, as florestas, as sementes, a biodiversidade. Além disso, as relações humanas passaram a ser mercantilizadas.

No meio rural, esta lógica fortalece o latifúndio e o agronegócio, enriquece alguns e expulsa milhões de camponesas e camponeses de suas terras.

Este modelo neoliberal, centrado nos interesses e lucros do grande capital, traz conseqüências sérias. A natureza não agüenta mais tanta depredação e destruição. Os sinais são visíveis: as catástrofes, o aquecimento global, a falta de água, as secas, a contaminação da água, do ar e da terra. É a natureza e a biodiversidade sendo destruídas. Junto com ela, o ser humano vai se destruindo enquanto espécie.

O Capital e o Patriarcado se entrelaçam para dominar e explorar

O contexto em que as mulheres camponesas e indígenas estão inseridas demonstra o quanto o respeito à vida, aos direitos humanos, ao acesso a terra e às políticas sociais como a saúde e a educação ainda estão longe de serem efetivadas. Ao contrário, observa-se como vai se acentuando a opressão, exploração, discriminação, dominação e violência sobre as mulheres. Estas acabam sentindo com mais intensidade as marcas da sobrecarga que constituem o cotidiano de suas vidas.

Entretanto, as mulheres organizadas, especialmente no MMC e na Via Campesina, vêm fazendo uma demarcação política contra o neoliberalismo, o patriarcado e seus principais agentes. Isso acontece através de lutas, marchas, protestos, ocupações, enfrentamento direto às transnacionais, ao latifúndio, no reconhecimento do trabalho reprodutivo, na participação política e efetiva nos diferentes espaços de atuação, na divisão das tarefas e poder na família e na sociedade.

A luta popular, feminista e camponesa, articulada com o conjunto das lutas sociais, continua resistindo e lutando pela construção de um projeto de agricultura camponesa centrado na produção de alimentos, na agroecologia, na libertação das mulheres e da classe trabalhadora.

América Latina: sinal de resistência, luta e esperança de um mundo novo



As lutas populares e os processos de enfrentamento ao neoliberalismo e de transformação em vários países da América Latina são um sinal de que estamos construindo bases democráticas, políticas, sociais e culturais de um Projeto Popular dos Povos Latino-americanos, numa perspectiva de superação do capitalismo e construção do Socialismo.

A América Latina, especialmente o Brasil, é o centro ecológico do mundo e por aqui passa a possibilidade de garantia de vida no planeta. A maior floresta úmida do mundo - a Amazônia - que está presente no Brasil e em mais oito países, regula o clima mundial. O Brasil possui a maior biodiversidade do mundo em plantas, animais, vegetais da terra, da água e das matas, ou seja, as potencialidades de energia para o futuro da humanidade.

No Brasil estão grandes fontes de água potável do mundo, que poderão servir para saciar a sede dos vários povos. Não podemos permitir que as transnacionais acabem com nossas nascentes e fontes como vem fazendo o chamado “deserto verde”, através do monocultivo de eucaliptos e produção de matéria-prima para celulose ou poluindo as águas com venenos, agrotóxicos e outros poluentes químicos.

Além disto, os povos latino-americanos sabem respeitar a diversidade étnico-cultural e a pluralidade política e religiosa. São povos que criam processos de acolhida, respeito, cordialidade, mística, espiritualidade multicultural e ecumênica, apesar das inúmeras contradições e desafios que tem de enfrentar para construir uma nova sociedade e uma nova humanidade. São povos com uma profunda dimensão mística que faz resistir e viver com esperança, com alegria, coragem, apesar de toda a brutalidade da opressão e violência imposta pelo sistema capitalista patriarcal e racista.

A atual geração é chamada a cuidar da terra, da vida e a fazer avançar a transformação do mundo no caminho da justiça, da igualdade, da solidariedade, da participação e soberania popular.

Por isto, o desafio é o fortalecimento da luta popular e a aglutinação das forças sociais do campo e da cidade. É preciso organizar cada vez mais as mulheres e a classe trabalhadora, buscando o estudo, o auto-sustento, resgatando os valores da solidariedade, da ética, do companheirismo, da honestidade e da transparência, e continuar construindo o projeto de sociedade na perspectiva socialista e feminista.

Mulher camponesa: resistência e sabedoria em defesa da vida!

Um dos traços mais marcantes da vida das mulheres camponesas é o TRABALHO. Muito cedo começam a trabalhar em casa, nas tarefas cotidianas, na roça e no cuidado com as plantas, horta e animais. Entretanto, o dia-a-dia é marcado pela sobrecarga deste trabalho, das tarefas e das responsabilidades, que, muitas vezes, causam inclusive adoecimento.

Com o trabalho, ao longo da história, têm sido as mulheres camponesas, indígenas, negras e da floresta que vêm preservando as sementes, produzindo alimentos e cuidando da natureza. Ao mesmo tempo, vêm resistindo e enfrentando no dia-a-dia este sistema capitalista que quer transformar a agricultura num negócio para gerar mais lucros para algumas grandes empresas transnacionais (Monsanto, Cargil, Bunge, Estora Enso, Aracruz Celulose, Sadia, Perdigão, Nestlé, Bayer, Syngenta, entre outras) continuarem acumulando riqueza e expulsando os trabalhadores e trabalhadoras do campo.

Tudo isso têm significado sobrecarga de trabalho não reconhecido, nem valorizado para as camponesas e muito menos calculado em dinheiro o que representa no sustento da família. Assim, as mulheres vão sendo exploradas, desvalorizadas, discriminadas e sofrendo violência cotidiana. Por isso, o MMC vem construir junto com as mulheres camponesas o sentido político da resistência organizada, no cotidiano e na luta permanentemente em defesa da vida.

Como as mulheres foram sábias ao longo da história! Sabem muito bem a importância, o mistério e os segredos relacionados à vida! É por isto que mantêm este poder de resistência, o poder que vem de dentro, da base, da organização, de um projeto de vida e de luta por uma nova sociedade.

Mas ainda têm muitas lutas para transformar este sistema capitalista que domina nossa sociedade. No capitalismo, o lucro e o acúmulo das riquezas estão concentrados nas mãos de um pequeno grupo que se apropria do trabalho não pago. Um desses trabalhos não pagos, menos visível, é o trabalho realizado em casa, principalmente pela mulher, o chamado trabalho doméstico. Além disso, esta sociedade tem uma cultura machista e patriarcal, onde as relações humanas são de dominação dos homens sobre as mulheres e não de respeito e reciprocidade. Esse trabalho doméstico é realizado basicamente pelas mulheres, sem valor e reconhecimento. O trabalho que as camponesas realizam na produção e no sustento da família também não é reconhecido e fica colocado de forma invisível na agricultura.

O capitalista apropria-se do trabalho doméstico de forma gratuita - não entra no cálculo do salário - e sequer o reconhece como trabalho. A exploração aparece misturada a diversos mecanismos vinculados à cultura, às tradições etc., com a aparência de puro afeto (aos filhos e ao marido).

A exploração do trabalho doméstico é vital para o sistema capitalista, assim como a exploração do trabalho da mulher camponesa, não reconhecido e nem valorizado, tanto na roça como em casa.

Também é preciso refletir sobre o jeito como este sistema vem impondo um outro padrão de “cuidado”. O cuidado faz parte da natureza humana. É uma maneira de o próprio ser se estruturar e dar-se a conhecer. Sem cuidado deixamos de ser humanos. O que precisa se perguntar é porque o cuidado foi atribuído à mulher? É um jeito sutil de revestir a exploração com uma roupagem de “elogio” e, assim, sobrecarregar a mulher de atribuições.

O cuidado, que está profundamente relacionado com a identidade do ser humano, desaparece dentro de uma economia capitalista de mercado,

Na luta, as mulheres camponesas organizadas no Movimento de Mulheres vêm buscando o reconhecimento e valorização do trabalho, da profissão e a garantia de direitos às mulheres, às gerações futuras e a toda classe trabalhadora.

onde o padrão de relação humana passa a ser mercantilizado, ou seja, as relações de cuidado passam a ser tratadas como se trata uma mercadoria: quem tem dinheiro compra e quem não tem, fica excluído do acesso. Só que neste caso, não é um objeto, é o cuidado com a vida, o outro ser humano, a natureza e sua biodiversidade que fica refém dos interesses do poder econômico.

É necessário ressaltar que a dominação da mulher não se limita às formas tradicionais ou conservadoras da vida cotidiana. Esta dominação, bem como a discriminação étnica, religiosa, geracional, sexual... se encontra especialmente no coração do sistema e da reprodução capitalista.

As mulheres camponesas organizadas no MMC, assumem a luta feminista contra o machismo e o patriarcado, em defesa da vida, contra toda forma de destruição sistemática da natureza, e contra qualquer tipo de exploração e exclusão, bases do capitalismo.

E nunca se pode esquecer que homens e mulheres, capitalistas e trabalhadores, constituem classes sociais que se definem pela posse ou não dos meios de produção, bem como por sua experiência de luta e consciência de classe. Porém, trabalhadores e trabalhadoras se constituem como classe em si quando tomam consciência desta condição. Isto exige que se perceba que é no conflito e no enfrentamento com os donos do capital que estas contradições de classe já existentes na sociedade, aparecem publicamente. Pela luta de enfrentamento é que mulheres e homens das classes populares vão identificando como os poderosos vão tirando seus direitos e percebendo que seus interesses são contrários dos interesses da classe trabalhadora. É também nessa luta que vão percebendo o potencial, a força e a capacidade de organização.

Produzir alimentos: uma missão camponesa!

A Campanha Nacional pela Produção de Alimentos Saudáveis, que o MMC vem desenvolvendo em todas as regiões do Brasil, é uma proposta contrária ao agronegócio e aos monocultivos que expulsam camponeses(as) de suas terras, controlando o mercado internacional de alimentos e comprometendo a soberania alimentar dos povos.

O Movimento de Mulheres Camponesas defende e luta pela construção de um projeto de agricultura camponesa agroecológica que garanta a preservação do ambiente, do trabalho, de novas relações sociais, produção camponesa, políticas públicas voltadas ao campo, cultura camponesa e feminista, valorização e participação das mulheres. Temos o compromisso com a construção de um Projeto de Agricultura Camponesa que assegure:

A preservação do ambiente como o conjunto de espaços onde se estabelecem relações sociais. Por isso, deve haver cuidado, respeito para garantir a continuidade de todas as formas de vida.

A garantia da produção e economia camponesa agroecológica, que venha proporcionar a autonomia das famílias no sustento e renda integrando campo e cidade. Para isso é preciso buscar formas alternativas de energia, o

acesso e controle dos meios de produção (terra, equipamentos, tecnologia). Distribuir renda inclusive para as mulheres camponesas significa valorizar e reconhecer o trabalho da mulher na produção de alimentos diversificados e saudáveis.

A construção de uma nova forma de trabalho que torne as pessoas humanas. É o trabalho que gera toda a riqueza e que os poderosos sempre se apropriaram para enriquecer. Por isso, é preciso enfrentar o grande desafio de ressignificar o trabalho como identidade e crescimento de mulheres e homens. É necessário desenvolver tecnologias adequadas que tornem o trabalho no campo menos penoso, mais leve e gratificante. É pelo trabalho que é realizada a solidariedade, entre-ajuda, seja na produção, na organização da casa, na busca do conhecimento no cuidado dos filhos e filhas, no embelezamento da casa, enfim, em todas as dimensões que envolvem a vida.

A construção de projetos de vida e de sociedade onde o relacionamento entre as pessoas e com o ambiente seja pautado com base nos valores de vida e alegria, no respeito à diversidade étnico-racial, de gênero, econômica, cultural, ecológica e de espiritualidade, valorizando a juventude, idosos e crianças. Isso significa forjar novas relações sociais, o que supõe mudança de vida.

A valorização da cultura camponesa e feminista entendida como um modo de ser e se relacionar socialmente no campo, valorizando o apego a terra, o respeito e o cuidado com a biodiversidade e a defesa da vida. Além disto, também é importante o fortalecimento da arte e da cultura camponesa através de crengas, rezas, rituais, visitas, pratos típicos, mutirões de trabalho, danças, rodas de viola, mateadas, literatura de cordel, repentes, trovas, festas típicas, cirandas, entre outras.

A participação das mulheres como protagonistas na produção de alimentos fortalecendo a participação efetiva das mesmas em todos os espaços de decisão sobre a produção, o patrimônio, o dinheiro, as relações humanas, políticas e comunitárias, de maneira a garantir a manutenção e o avanço do campesinato.

A garantia de implementação de Políticas Públicas para viabilizar, potencializar, facilitar, ampliar e garantir os direitos das trabalhadoras e trabalhadores, como a Reforma Agrária com o acesso a terra e produção de alimentos; educação do campo com o princípio da construção da consciência emancipatória, valorizando e incentivando o saber popular; Previdência Pública Universal e Solidária; Saúde pública, integral com qualidade para as mulheres e as famílias do campo com efetiva participação popular; subsídio público para investimento na agricultura camponesa, garantido o acesso às mulheres, com autonomia na administração deste recurso e seguro agrícola que garanta reposição nas perdas dos produtos atingidos; documentação, a fim de facilitar o acesso de documentos pessoais e profissionais a camponesas e camponeses; garantia de moradia digna, saneamento, luz e estradas para facilitar as condições de vida no campo, e lazer, com direito ao acesso de atividades culturais nas comunidades rurais (cinema, teatro esportes...); investimento público na pesquisa, ciência e tecnologias a serviço da vida, adequadas às necessidades da agricultura camponesa agroecológica e que facilitem o trabalho humano; políticas de combate a violência e proteção de mulheres e crianças; política de comercialização e aquisição direta de alimentos e produtos da agricultura camponesa, para os trabalhadores da cidade e entidades públicas (escolas, creches, hospitais...).